



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

Laís Ribeira de Paula

**O humor em dicionários de variedades regionais do português
brasileiro: preconceito linguístico e processos morfológicos**

Araraquara – SP
2012

LAIS RIBEIRA DE PAULA

**O humor em dicionários de variedades regionais do português
brasileiro: preconceito linguístico e processos morfológicos**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara,
como requisito para obtenção do título de Bacharel em
Letras.

Orientador: Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti

Araraquara – SP
2012

LAIS RIBEIRA DE PAULA

**O humor em dicionários de variedades regionais do português
brasileiro: preconceito linguístico e processos morfológicos**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara,
como requisito para obtenção do título de Bacharel em
Letras.

Orientador: Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti

Data de Aprovação: ____ / ____ / ____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:	Prof ^a Dr ^a Cristina Martins Fargetti Universidade Estadual Paulista
---------------------------------	---

Membro Titular:	Prof. Dr. Daniel Soares da Costa Universidade Estadual Paulista
------------------------	--

Membro Titular:	Prof ^a Doutoranda Elisângela Alves Gusmão Universidade Estadual Paulista
------------------------	--

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*“É melhor isolar-se no inconsciente,
para que o mundo não machuque.”*

Sábato Magaldi

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Altair e Simone, que mais do que auxílio financeiro e emocional, torcem e acreditam que o que faço é sempre o mais brilhante.

Aos meus irmãos Thaís e Raphael, que, mesmo sem perceberem, me auxiliaram e me proporcionaram muitos risos e momentos de distração quando mais foi preciso.

À minha querida avó Isabel, que com toda a sua simplicidade me ajudou de todas as maneiras possíveis ao longo desses quatro anos e me incentivou todos os dias incessantemente.

Ao Clayton Juari Alves, fiel companheiro, que me socorreu quando foi preciso e me repreendeu da mesma maneira. Pela credibilidade depositada em mim, por tudo o que nunca precisou ser dito e por ter feito com que os meus dias fossem mais fáceis, suaves, simples e encantadores.

A toda minha imensa família de tios e primos pela convivência, apoio constante e companheirismo.

À minha família de amigos, que na sua pequenez, me faz grandiosa, mais feliz, satisfeita e com muita vontade de continuar vivendo.

À Fernanda Carvalho Pigatto que se fez indispensável nos meus dias e tornou-se a minha família de longe.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti, pela paciência ao me ensinar e me instruir na realização deste trabalho e que me serve de extraordinário exemplo na superação das dificuldades e das peças que a vida nos prega. Além disso, com toda sua doçura e experiência me incentiva, a todo instante, a seguir desbravando novos horizontes.

Agradeço, sobretudo, ao que para alguns é apenas uma força do universo e para outros minha própria determinação e que eu prefiro chamar de Deus. Por ter me dado a oportunidade de viver dias que jamais imaginei viver e que possibilitaram o meu crescimento intelectual e, principalmente, pessoal. Por todos os momentos nos quais a persistência foi maior do que o desejo de desistir. Por, de alguma maneira, ter me ensinado a andar sozinha na incrível experiência de morar longe de casa. Por ter me demonstrado que os intermináveis momentos de solidão não eram apenas tristes e dolorosos, mas reveladores de um potencial que eu nem imaginava possuir.

A todos estes eu sou eternamente agradecida.

RESUMO

Buscando contribuir e mesmo incentivar novos e mais aprofundados estudos sobre o modo como os dialetos do português são tratados e apresentados à população brasileira, o presente trabalho procura realizar uma breve análise da construção e abordagem do humor nos dicionários de dialetos do português do Brasil, bem como classificar os tipos de dicionários existentes. Busca-se, sobretudo, estudar quais os mecanismos utilizados para provocar o riso, como se reproduz determinado modo de falar e se por traz disto tudo há alguma manifestação velada de preconceito linguístico.

Palavras chave: Dialetos; Dicionários; Humor; Preconceito Linguístico.

RESUMEN

Buscando contribuir e incentivar nuevos y más profundizadas investigaciones sobre la manera como los dialectos del portugués son tratados y presentados a la población, la presente pesquisa quiere realizar un breve análisis de la construcción y abordaje del humor en los diccionarios de dialectos del portugués de Brasil, así como clasificar los tipos de diccionarios existentes. De sobre manera, se quiere investigar cuales son los mecanismos utilizados para producir la risa, cómo se reproduce cierta manera de hablar y si por detrás de todo eso existe alguna encubierta manifestación de prejuicio lingüístico.

Palabras claves: Dialectos; Diccionarios; Humor; Prejuicio Lingüístico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	11
3. DESCRIÇÃO GERAL DO GÊNERO DICIONÁRIO.....	13
3.1 A tipologia dos dicionários de variedades do português.....	18
3.2 O <i>corpus</i> e sua classificação.....	19
4. O HUMOR DO PONTO DE VISTA LINGUÍSTICO.....	27
5. ANÁLISES.....	31
5.1 Os dicionários convencionais.....	32
5.2 Os dicionários eletrônicos.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	45

1. Introdução

Estudar as variedades regionais do português brasileiro é ao mesmo tempo uma atividade prazerosa, indispensável e difícil. A todo instante enfrenta-se a tênue fronteira que separa o dialeto da variedade padrão da língua e por vezes é impossível distingui-la. Mas esta dificuldade é atenuada pelas horas de prazer que estudar um dialeto proporciona, afinal nem mesmo um falante nativo é capaz de imaginar a criatividade que está por trás das variedades regionais. Em um país tão extenso em território e marcado historicamente pela exploração colonial e idas e vindas constantes de povos culturalmente distintos e distantes é um erro imaginar que a riqueza encontrada aqui seja somente a de recursos naturais ou a cultural e a étnica. A riqueza está presente no falar da população, criam-se expressões, simplificam-se palavras, agregam-se outros significados e originam-se os dialetos, que compõem a riqueza linguística também encontrada em território nacional.

Na preocupação de inventariar, catalogar, enfim, registrar essa riqueza linguística do Brasil, falantes dos quatro cantos do país tiveram e, provavelmente, ainda têm a iniciativa de anotar expressões típicas ou excêntricas da sua região, compilá-las em pequenos livros e publicá-las sob o título de “dicionários”. Nestas singelas e curiosas publicações, o autor lança mão de diversos recursos, como desenhos, reprodução fiel da maneira de falar no momento de escrever, tudo no intuito de retratar o real uso de uma determinada palavra naquele contexto em que ela vive. De todos os meios que os diversos autores utilizam há um que está presente, ao mesmo tempo, em todas e por todas as publicações levantadas: o humor. O que está arraigado neste humor seja um instrumento de crítica, seja um simples objetivo derrisório é o que se procurou analisar.

Buscando contribuir e mesmo incentivar novos e mais aprofundados estudos sobre o modo como os dialetos do português são tratados e apresentados à população brasileira, o presente trabalho procura realizar uma breve análise da construção e abordagem deste humor nos dicionários de variedades regionais do português do Brasil. Busca-se estudar quais são os mecanismos utilizados para provocar o riso, como se reproduz determinado modo de falar e se por traz disto tudo há alguma manifestação velada de preconceito linguístico.

Este trabalho nasceu, primeiramente, como uma obrigatoriedade para o desenvolvimento da função de monitora no Departamento de Linguística e Língua

Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Campus de Araraquara no decorrer do ano de 2011. Quando se cumpriu o prazo de desenvolvimento das atividades cabíveis à monitoria, decidiu-se seguir com o estudo e análise do *corpus* a fim de aperfeiçoá-lo e aprofundá-lo para, posteriormente, transformá-lo no que hoje se apresenta, a monografia de conclusão do curso de Letras.

Com o desenrolar das pesquisas, foi constatado que o projeto se justificaria, sobretudo, pelo seu ineditismo, pois não se encontram estudos a respeito de obras como os dicionários que se dispôs a analisar. Acredita-se que ele poderá trazer discussões para a área de Estudos do Léxico, para as áreas de Morfologia e Fonologia, e para questões de Sociolinguística, principalmente, as relacionadas ao Preconceito Linguístico.

O estudo intitula-se “*O humor em dicionários de variedades regionais do português brasileiro: preconceito lingüístico e processos morfológicos*” porque no plano traçado inicialmente as seguintes questões sobre os processos morfológicos seriam abordadas: “são discutidos os processos morfológicos e fonológicos ocorridos na obra?”, “seu autor faz alguma introdução a respeito?”, “o que isso apresenta?”, “quais os processos morfológicos observados?”, “já foram descritos pela Linguística?”, “em quais trabalhos?”. No entanto, elas mostraram-se muito mais complexas, ora na identificação dos processos morfológicos, ora na explicação e detalhamento dos mesmos. Tamanha complexidade mostrou-se digna e merecedora de um maior cuidado e descrição no momento da abordagem e análise, o que não cabe neste trabalho, já que ele possui um tamanho pré-estabelecido. O tema fica, então, engavetado para o desenvolvimento do estudo em outros níveis, posteriormente.

Deste modo, optou-se por tratar nesta monografia apenas do viés humorístico das obras, que foi observado a partir das seguintes questões: “como se dá o humor nessas obras?”, “mascara o preconceito linguístico vivenciado pelos falantes da variedade retratada?”, “que jogo de imagens está implicado aí?”, “a imagem encobre preconceitos?”, “o que a Linguística já disse sobre casos como este?”, “há análises de tal falar?”.

De maneira alguma se pretende condenar o modo pelo qual os autores de tais obras optaram por construí-las, ao contrário, quer-se simplesmente analisar esta construção e verificar se os dialetos recebem o tratamento linguístico que merecem e necessário para seu conhecimento. Reconhece-se a suma importância destes livros já que eles, de uma maneira ou de outra, registram e guardam esses falares tão peculiares.

2. Materiais e Métodos

Esta pesquisa teve natureza exploratória, pois foi preciso aumentar a carga teórica acumulada ao longo da vida acadêmica pela orientanda, principalmente no que se referiu a alguns conceitos da Sociolinguística, baseando-se, sobretudo, nas leituras de *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* (FARACO, 2001) e *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (BAGNO, 2002). Conceitos da Morfologia, considerando, para tal, os estudos apresentados em *Formação de palavras em Português* (KEHDI, 2005) e no *Manual da morfologia do Português* (LAROCA, 1994). Foi necessário, ainda, introduzir-se nos estudos do Léxico, baseando-se, principalmente nas obras *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia* (WELKER, 2006) e *La lexicografía* (HAENSCH et al, 1982) para que o material selecionado fosse mais bem explorado. E, finalmente, consultar os estudos a cerca do Humor na Linguística e, para isto, foi de fundamental importância a obra *Os humores da língua* (POSSENTI, 1998).

Todos os conceitos aprendidos foram aplicados no momento do estudo do *corpus*. Dito material trata-se de dicionários de variedades regionais do português brasileiro, que são obras que abordam o falar próprio de lugares como Piracicaba, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul etc, e para este trabalho optou-se por buscá-los em dois formatos distintos. Na versão impressa, isto é, na materialidade de um livro, e neste caso são feitos por jornalistas, em sua maioria, nativos de tais regiões e com objetivo lúdico, em primeiro lugar. E na versão *on-line* de tais publicações, já que foram encontrados inúmeros *blogs* e páginas pessoais que tratavam de apresentar a variedade de algumas regiões brasileiras. Neste caso especificamente, os autores são de caráter muito diversificado, como ou professores, jornalistas, que se apresentam como simplesmente falantes destes dialetos, que resolveram registrar algumas ocorrências do seu modo de falar. O objetivo permaneceu o mesmo, o de divertir e distrair o público, mas na seleção destes materiais foi necessário mais cautela, pois, na maior parte das vezes, os leitores tinham um espaço de livre acesso para opinarem, isto é, alterar o que estava escrito ou retirar alguma palavra ou expressão, de modo que já não se tinha tanta segurança se aquele conteúdo pertencia ou não à variedade que se dizia pertencer.

Sendo assim, o trabalho teve como ponto de partida o levantamento bibliográfico, o mais exaustivo possível, dos dicionários. As obras impressas foram, inclusive, procuradas em outras bibliotecas e em sites para compra na internet. Em uma primeira delimitação dos passos do projeto constatou-se que estas obras estavam

disponíveis para compra pelo público em geral, mas resultou-se extremamente difícil encontrá-las. Na própria biblioteca do Campus de Araraquara há apenas um exemplar destes dicionários: *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Então, passou-se a consultar outras bibliotecas, de outras cidades, inclusive. Ao final, não se obteve muito sucesso na busca nas bibliotecas e o mesmo aconteceu em livrarias e estabelecimentos que vendem todas as espécies de livros, seja em lojas físicas, seja nos *sites* de compra da *internet*. Tal dificuldade persistiu quando, no passo seguinte, passou-se a buscar os dicionários nas bancas de jornais e revistas e nos sebos de todas as espécies, pequenos, grandes e de diversas cidades. No entanto este obstáculo foi encontrado, apenas, para os de tipo impresso, já que os da versão *on-line* foram facilmente encontrados e consultados na grande rede. A solução encontrada pela orientadora foi procurar em seu acervo pessoal alguns exemplares e foi desta maneira que a maior parte do *corpus* formou-se, o restante dos dicionários de formato impresso foi conseguido em pequenas lojas nos aeroportos do Brasil, em ocasiões de viagens, e eram, curiosamente, vendidos como guias para os turistas que chegavam às cidades.

Após a coleta das obras bibliográficas, passou-se ao processo de leitura e análise dos dicionários, deu-se destaque aos aspectos morfológicos das palavras, aos formatos e modos de apresentação das publicações e, sobretudo, à ocorrência do humor nestas obras. À medida que a análise avançou, foi necessária a complementação das leituras de apoio e mesmo a delimitação de alguns conceitos e, conseqüentemente, a exclusão de outros a fim de obter-se um melhor domínio dos termos e mesmo de tornar claras as discussões relevantes e necessárias para a sequência do projeto.

Desta forma, buscou-se estabelecer uma *Tipologia* dos dicionários, pois somente com este procedimento a discussão pareceu-se clara e convincente. Este estudo sistematizado dos caracteres tipológicos das obras coletadas está composto, primeiramente, pela especificação do formato, se de tipo impresso ou *on-line*, nela descrever-se-á, de maneira geral, as obras e tratar-se-á de aspectos como a quantidade encontrada e a caracterização de seu autor. Posteriormente, haverá uma subdivisão que tratará, também de forma generalizada, da atitude de tais obras, isto é, se possuem um viés mais ufanista, se simplesmente querem divertir etc. Finalmente, elegeram-se dois exemplares de cada formato, devido à extensão deste trabalho, para se estudar sistematicamente o humor e seus desdobramentos em tais obras.

3. Descrição Geral do Gênero Dicionário

Embora o objetivo primordial deste trabalho não seja o de promover uma discussão sobre a natureza das obras lexicográficas ou mesmo desempenhar o papel de um metalexicógrafo, que é quem escreve sobre dicionários, se faz necessário apresentar alguns esclarecimentos, ideias e posições de importantes estudiosos do tema a título de conhecimento do panorama geral deste campo de estudo na atualidade.

Primeiramente, é de suma importância deixar clara a posição assumida perante o significado das palavras *glossário*, *vocabulário* e *dicionário*, que neste trabalho permeiam toda a sua extensão. Welker (2006), embora cite alguns importantes autores que fazem uma distinção, ainda que tênue, entre esses termos, aponta uma decisão sobre essas palavras e é dele a definição, resumida, que se apresenta e foi tomada como eixo principal nesta pesquisa. *Glossários* são pequenas listas de palavras que se encontram, geralmente, no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo autor. O *Vocabulário*, por sua vez, embora também constitua uma listagem de palavras, está organizado de maneira mais sistemática e complexa no sentido de abordar uma língua específica ou um estágio dela e não somente um texto de um determinado autor. Já o *Dicionário* é um compêndio que traz todo o universo de palavras de uma língua, palavras estas que são “unidades-padrão” do sistema linguístico em questão.

Para tornar ainda mais claro, expõe-se a diferenciação entre estes três conceitos conforme a definição que o próprio Welker (2006) traz ao citar outro estudioso da área da Lexicografia: “[...] o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.” (VILELA apud WELKER, 2006, p.25). Desta forma, as obras analisadas nesta pesquisa não configuram dicionários nos termos em que Welker (2006) apresenta, elas seriam algo menor, e caracterizam, portanto, vocabulários de variedades do português. No entanto, a abordagem aqui adotada continua chamando-os de *dicionários* para respeitar e seguir a opção de seus autores.

O termo *Lexicografia* é proveniente do grego *lexikon+graphien* que significa “descrever léxico” e, na maior parte das vezes, é entendido como uma disciplina cujo objetivo é a elaboração de dicionários. Mas, de acordo com Borba (2003), a Lexicografia pode ser vista como duplo aspecto. O primeiro como técnica de montagem

de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc. E o segundo como teoria, procurando estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Neste sentido último que, hoje, se entende esse termo, a Antiguidade não produziu obras lexicográficas e conforme Biderman (1984), uma das grandes e principais pesquisadoras brasileiras da área,

“Os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico daquelas eras são os glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi*. Esses precursores do moderno lexicógrafo eram, na verdade, filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de ‘erros’ linguísticos.” (BIDERMAN, 1984, p. 01).

Já na Idade Média, de acordo com a autora, as obras deste cunho que se pode destacar são as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (570-636) que quase não possuem valor científico e linguístico e os glossários, por exemplo, o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII d.C.), produzido no território do que foi o Império Carolíngio, e que era composto por listas de palavras retiradas da versão latina da bíblia, traduzidas para a língua românica da região.

Ainda segundo Biderman (1984), a verdadeira lexicografia teve início somente com os tempos modernos, na Europa do século XVI, quando o homem se modificou interiormente, ampliou seus horizontes e percebeu a necessidade de aprender novas línguas. Por este motivo é que as principais obras lexicográficas deste período eram de tipo bilíngue, por exemplo, os vocabulários *Latino Español* (1492) e *Español Latino* (1495) do espanhol Antônio de Nebrija. A lexicografia monolíngue só surgirá e se desenvolverá no século XVII e desde então ela não cessa seu aperfeiçoamento e desenvolvimento de técnicas.

Em meados da década de 1980, quando a estudiosa escreveu seu artigo, o mais popular dos dicionários de língua portuguesa era, segundo ela, sem dúvida, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. No entanto, atualmente tem-se o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss como uma publicação já bastante mais conhecida e utilizada, mas indubitavelmente o

Aurélio ainda segue sendo o mais reconhecidamente importante dentro das obras lexicográficas pela grande massa da população. De acordo com Biderman (1984), ele acolhe um vasto número de palavras, uma grande quantidade de regionalismos e termos exclusivamente literários, fato que o faz assumir papel de destaque entre as demais obras, ou melhor, dito nas palavras da pesquisadora:

“[...] a recolha vocabular feita por mestre Aurélio para povoar o seu dicionário, levou-o a compor uma espécie de *thesaurus* do português, embora não exaustivo, pois não cobriu todas as épocas da história do português (considerando o século XVI como ponto de partida), nem todas as variantes lingüísticas, nem tão pouco as terminologias técnicas e científicas na sua totalidade.” (BIDERMAN, 1984, p. 08).

A partir das reflexões feitas até este momento é possível concluir e definir, de forma bastante clara e objetiva, que o dicionário é, portanto, um livro de consulta que possui a explicação dos significados das palavras de uma língua. Sua principal forma de composição é o trabalho com a palavra a partir da unidade de tratamento lexicográfico. São muitas as questões e problemas que percorrem a elaboração de um dicionário, sejam eles em papel ou não. Os lexicógrafos precisam pensar em todos os detalhes, por exemplo, a seleção dos *verbetes*, a classificação dos sentidos, o estilo das definições, a escolha dos exemplos, o tratamento da homonímia e da polissemia e, até mesmo, a integração dos neologismos.

Passando a partir de agora à especificação da tipologia das obras lexicográficas, apresentam-se, a seguir, formas distintas de classificação de três importantes estudiosos e, posteriormente se apresentará a tipologia adotada neste trabalho que, a fim de melhor adequar-se ao modelo de *corpus* analisado, foi criada e proposta após um processo de fusão e readaptação, se assim se pode denominar, entre duas formas já apresentadas no campo dos Estudos do Léxico.

São inúmeros os autores que mostraram quais são os tipos de dicionários existentes e devido ao enfoque dado, suas tipologias diferem bastante umas das outras. Para elucidar as muitas e distintas possibilidades de classificação — e mesmo para mostrar a ampla gama de dicionários existentes — apresentam-se os modelos de tipologia lexicográfica de Haensch (1982), Biderman (1984) e Welker (2006).

A classificação proposta por Haensch (1982) organiza-se em duas grandes divisões:

1. *Do ponto de vista da linguística teórica*: e neste caso as obras seriam os glossários e vocabulários de obras literárias, atlas lexicais, dicionários de regionalismos, de pronúncia, de construção, de colocações, de dúvidas, de fraseologias, de neologismos, dicionários inversos, bilíngues, multilíngues, enciclopédicos, onomasiológicos, além de enciclopédias.

2. *Segundo critérios histórico-culturais e práticos*: nos quais além dos diversos tipos de dicionários elaborados no decorrer dos séculos, se encaixariam também os separados por critérios práticos, como formato e extensão, caráter linguístico ou enciclopédico, sistema linguístico em que se baseia a obra, número de línguas etc.

O autor trata, também, do caso dos estrangeirismos e dos neologismos e com isso, propõe ainda, mais um tipo de classificação, a de *Dicionários Descritivos* e a de *Dicionários Normativos* e diz:

“[...] cuando se trate de elaborar o de poner al día un diccionario normativo, el lexicógrafo obrará con mucha cautela y vacilará en admitir sin más ni más un extranjerismo. El autor de un diccionario descriptivo o de un diccionario terminológico, en cambio, que tenga que describir la realidad actual de la lengua y dar el *máximo* de información al usuario, incluirá el extranjerismo, sobre todo si es de uso frecuente en la lengua receptora o, en muchos casos, el único vocablo disponible para expresar un concepto. Naturalmente, indicará también, en su caso, las voces formadas con elementos de la lengua autóctona que pueden sustituir al extranjerismo.” (HAENSCH, 1982, p.410-411).

Já Maria Tereza Camargo Biderman (1984) propõe, essencialmente, cinco tipos de dicionários, são eles:

1. *Dicionário padrão da língua* ou *dicionário de uso da língua*: neste tipo, a organização das palavras se dá por *entradas* e em ordem alfabética, o que abarcaria as publicações, já velhas conhecidas, como *Michaelis*, *Aurélio*, *Houaiss* etc.

2. *Dicionário ideológico ou analógico*: o qual organiza e separa os conceitos por campos semânticos.

3. *Dicionário histórico*: que podem subdividir-se em outros diversos tipos, por exemplo, os que se baseiam no vocabulário e na língua de determinada época histórica, os elaborados a partir da perspectiva da língua contemporânea etc.

4. *Dicionário de tipo especial*: nesta categoria estariam todas as demais publicações que não se enquadram nas anteriores, seriam, por exemplo, os dicionários de sinônimos e

expressões de uma língua, os gramaticais, os especializados em aspectos particulares e os científicos e/ou técnicos.

5. *Dicionário enciclopédico*: estas são obras de referência que buscam reunir o máximo de informação sobre os mais variados domínios do conhecimento para consumo do público em geral, e não de especialistas. Podem ser alfabéticos ou por área de conhecimento.

Sobre esta nomenclatura dos *Dicionários Enciclopédicos* há que dizer que embora as enciclopédias não sejam dicionários no sentido estrito, elas foram incluídas como tal por alguns autores. Mas, o que se deve compreender e diferenciar é o que acertadamente Biderman (1984) distingue, que o dicionário trata, em cada verbete, de um determinado lexema, por exemplo, na explicação da palavra *dizer*, ele não vai tratar de *falar*. Já enciclopédia, ao contrário, o mesmo assunto pode ter diversas entradas. A diferença entre as duas obras de consulta fica mais bem expressa ao se pensar que o dicionário diz o que significa, enquanto que a enciclopédia diz e mostra o que é determinada coisa.

Finalmente, chega-se à tipologia proposta por Welker (2006), a qual é bastante mais simples e objetiva que as anteriores e parte de um princípio dicotômico para cada um dos critérios. Para o autor, os dicionários deveriam ser classificados somente a partir das seguintes características e formas de construção:

- *Dicionário convencional/eletrônico*: entendendo a primeira característica como o formato impresso em papel, isto é, na materialidade de um livro e a segunda como os que estão disponíveis na internet;
- *Dicionário monolíngue ou bilíngue/multilíngue*: sendo que o *monolíngue* seria aquele em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua, ao passo que o *bilíngue/multilíngue* é aquele em que, no lugar da definição, são fornecidos apenas equivalentes em um ou mais idiomas.
- *Dicionário geral/especial*: em que os de tipo *geral* seriam as publicações que apresentam as mesmas características do denominado por Biderman (1984) de *Dicionário padrão da língua*, isto é, são alfabéticos, sincrônicos, da língua contemporânea, listando, sobretudo, os lexemas da língua comum. Desse modo, são, portanto, considerados dicionários especiais os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos etc.

As tipologias lexicográficas vão muito além das apresentadas aqui, os estudos sobre o Léxico são extensos e são aprimorados cada dia mais. No entanto, optou-se por apresentar apenas aquelas nomenclaturas que possuíam uma abordagem mais explicativa, objetiva e clara e que, além disso, serviram de embasamento para a proposta criada neste trabalho a cerca das classificações dos dicionários de variedades regionais do português brasileiro.

3.1 A tipologia dos dicionários de variedades do português

Conforme mencionado anteriormente, a tipologia lexicográfica utilizada nesta pesquisa foi criada e proposta após um processo de entendimento, fusão, readaptação e renomeação, se assim se pode denominar, entre duas das classificações já apresentadas, são elas, a de Haensch (1982) e a de Welker (2006). A partir delas, determinaram-se oito categorias de dicionários a fim de melhor especificar cada exemplar coletado para o *corpus*. Na sequência, serão devidamente apresentadas e explicadas tais categorias, para que, posteriormente, a descrição do *corpus* e a exposição dos resultados obtidos sejam de mais fácil entendimento:

Tipologia dos Dicionários

- A- Dicionário Convencional Cômico-Expositivo
- B- Dicionário Convencional Acadêmico-Expositivo
- C- Dicionário Eletrônico Cômico-Expositivo
- D- Dicionário Eletrônico Acadêmico-Expositivo
- E- Dicionário Convencional Cômico-Padronizante
- F- Dicionário Convencional Acadêmico-Padronizante
- G- Dicionário Eletrônico Cômico-Padronizante
- H- Dicionário Eletrônico Acadêmico-Padronizante

Estabeleceu-se que a nomenclatura “*dicionário*” se manteria nas oito categorias porque, por mais óbvio que possa parecer, eles são, de uma maneira ou de outra, dicionários de dialetos. Além disso, a ausência deste termo na nomenclatura deixaria a tipologia com aspecto incompleto e vago.

O par dicotômico “*Convencional/Eletrônico*” manteve a mesma definição trazida por Welker (2006), sendo o primeiro a materialidade de um livro impresso e o segundo os dicionários disponíveis na internet.

O caráter “Acadêmico” atribuído à tipologia pretende apontar o fato de algumas publicações não apresentarem elementos humorísticos¹ e, ao contrário, obedecerem rigorosamente os modelos consagrados pela tradição lexicográfica, tanto no que concerne à forma e estrutura da publicação quanto no que se refere à busca e pesquisa para a construção do dicionário. Enquanto que o caráter “Cômico” se aplica a todas as obras encontradas que, além de apresentarem os registros dialetais, utilizam de alguma forma o humor e o lúdico na sua construção.

O termo “monolíngue” nos estudos da lexicografia significa que o dicionário apresenta as definições das palavras no seu próprio idioma, enquanto que o termo “bilíngue”, no lugar das definições, traz equivalentes em outro idioma. Diante do fato de neste trabalho nenhum dos dicionários encontrados terem sido escritos em um idioma que não o português, optou-se por alterar o par “monolíngue/bilíngue” para “Expositivo/Padronizante”, respectivamente. A escolha por tais termos se justifica porque a diferença observada entre os dicionários está mais atrelada à escolha dos autores no momento de formular suas obras, pois se encontraram tanto dicionários que apresentaram as definições das palavras de alguns dialetos, e neste caso foram denominados “Expositivos”, quanto aqueles que somente apresentavam equivalentes no que seria um português mais convencionalmente padrão, sendo, portanto, chamados de “Padronizantes”.

3.2 O corpus e sua classificação

Com a efetivação do levantamento bibliográfico formou-se o *corpus* desta pesquisa, que ficou sendo composto por 13 (treze) dicionários de variedades do português brasileiro, deste total, 8 (oito) são de tipo eletrônico e 5 (cinco) são de tipo convencional. Classificaram-se os dicionários seguindo a tipologia criada para esta pesquisa, de forma que a disposição final ficou a seguinte:

- **Dicionário Convencional Cômico-Expositivo:** *Dicionário Papachibé: a língua paraense volume IV* de Raymundo Mário Sobral e *Dicionário do Dialeto Caipiracicabano: arco, tarco, verva* de Cecílio Elias Netto.

¹ Embora o humor tenha sido requisito fundamental desta pesquisa, pareceu interessante registrar, ainda que de maneira geral, as obras encontradas que tratam dos dialetos do Brasil sem conter o caráter lúdico e de diversão e que, ao contrário, seguiam um viés mais sério, com objetivo de registrar e estudar academicamente essas variedades.

Nestas duas obras, as palavras dos dialetos são apresentadas aos leitores tal como se apresentam as palavras nos dicionários mais renomados da língua portuguesa, ou seja, por definições. Não há ainda, sobre ambas as publicações, a pretensão de se fazer algo rebuscado e pautado em regras e modelos rigorosos, isto é perceptível no plano do enunciado, pois as explicações são simples, com palavras corriqueiras e acessíveis ao público que lê estes livros, como se pode constatar em: “**E bem!** – Resposta de caráter afirmativo usada pelo caboco papachibé.” (SOBRAL, 2010, p.69 grifos do autor) ou, ainda, de maneira mais desenvolvida em:

“**Pênice** – Uma observação: em Piracicaba, pênis também é pênis. *Pênice* é outra coisa. Trata-se do apêndice, aquela tripinha que causa o apendicite e, daí, que nego precisa operar. Médico recém-chegado a Piracicaba assusta-se quando nego diz: ‘*Dotor, tô cum puta dor no pênice, acho que tenho que cortá ele.*’ Médico vai direto no meio das pernas do nego. A confusão é apenas eufônica.” (NETTO, 2007, p.177 grifos do autor).

É também possível perceber esta despreensão no plano da organização dos dicionários, porque eles apresentam verbetes que um dicionário pautado nos estudos lexicográficos não admitiria, por exemplo, palavras derivadas do tipo “estadão” ou “casinha” e expressões como “lambê coa testa” ou “abri o balaio”.

Sobre os responsáveis por tais dicionários há que se mencionar que o escritor Raymundo Mário Sobral é um jornalista nascido em Belém, falante, portanto, do dialeto de que trata e autor de outras muitas obras, como os três volumes anteriores a este que compõe o *corpus* da pesquisa. Da mesma profissão vive Cecílio Elias Netto, um piracicabano nato, também autor de muitas outras publicações e igualmente falante da variedade que retrata e que faz questão de mostrar, a partir de uma atitude engraçada, todo o orgulho e divertimento do seu povo interiorano e simples. O risível em seus exemplos se dá porque as situações são fictícias, fortemente satíricas e marcadas pela ironia. Afinal, o autor coloca membros da elite piracicabana, bem como importantes figuras nascidas e reconhecidas na cidade nas situações mais diversas fazendo uso do dialeto, o que seria impensável. Veja:

“**Mãozarto** – Em todo o Brasil, nego, quando pega o revólver e quer render o outro, fala: ‘Mãos ao alto.’ Bandido caipiracicabano fala *mãozarto*. O Gregório Marchiori foi convidado a trabalhar como ator no filme ‘*Terra em transe*’. Faria o papel de bandido. Mas, quando apontou o revólver, falou: ‘mãozarto.’ O Glauber Rocha exasperou-se: ‘Burro, ocê

se identificô que é de Piracicaba.’ E dispensou o galã piracicabano.” (NETTO, 2007, p.146 grifos do autor).

Estas pessoas podem até falar o *caipiracicabano*, mas por brincadeira. E o cômico está justamente no ato de ridicularizar estes indivíduos conhecidos da cidade, e muitas vezes de classe alta, em situações irreais, que nunca ocorreram de verdade.

- **Dicionário Convencional Acadêmico-Expositivo:** *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral.

De todas as obras encontradas esta é a única que foge completamente das características traçadas inicialmente, a começar pelo próprio autor. Amadeu Amaral dedicou-se às letras e chegou, inclusive, a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, escreveu esta obra no ano de 1920, antes, portanto, da adoção da Linguística como ciência

Este dicionário é, relativamente, extenso, e no seu início traz discussões fonético-fonológicas, morfológicas e até sintáticas, relacionadas ao uso do dialeto caipira; ele foi resultado de um longo trabalho de pesquisa do autor que pretendia mesmo aprofundar-se e analisar os pormenores desta variedade linguística brasileira. Conforme a nomenclatura estabelecida este é um *dicionário* embora trate de um dialeto, *expositivo* porque apresenta as definições das palavras e, neste caso, exatamente à maneira dos dicionários conceituados, *convencional* porque foi impresso e, finalmente, *acadêmico* porque não tem um objetivo lúdico e/ou humorístico.

Contudo, pareceu importante registrá-lo porque quando se começa a busca por dicionários de dialetos do português, ele é, de longe, o que mais se encontra, seja na internet seja em bibliotecas. Além disso, ele serviu e ainda serve de base para importantes estudos do gênero.

- **Dicionário Convencional Cômico-Padronizante:** *Dicionário de Cearês: termos e expressões populares do Ceará* de Marcus Gadelha e *Dicionário de Baianês* de Nivaldo Lariú.

Nestas duas obras o tratamento que se dá ao verbete é o mesmo dado em um dicionário do tipo *inglês-português*, isto é, têm-se, somente, equivalências na “língua meta”. Pode-se inferir, dada escolha tomada pelos autores que eles veem seus respectivos modos de falar como outros idiomas que necessitam de tradução para serem

compreendidos. Ainda que em alguns poucos verbetes haja uma “explicação” um pouco maior, o modo de apresentação é sempre o mesmo, veja esta sequência do *Dicionário de Ceará*:

“Pé de caçar pinico no escuro: pé torto.

Pé de cana: cachaceiro.

Pé de moleque: bolo junino.

Pé de paeta: a pessoa que tem os pés abertos.”

(GADELHA, 2010, p. 114 grifos do autor).

O fato de serem “mini” livros acentua ainda mais esse aspecto de tradução, pois os livros adquirem o caráter de verdadeiros manuais de consulta rápida para pessoas que desconhecem tal dialeto.

O cearense Marcus Gadelha, engenheiro da Petrobrás, resolveu reunir as inúmeras anotações que tinha do seu próprio falar e deu vida ao seu livro que mesmo pequeno apresenta, a todo o momento, uma atitude totalmente ufanista, já que admira a variedade de sua região, e saudosista de quem foi obrigado, pelo exercício de sua função, a viver longe de tamanha riqueza.

Na obra sobre o *Baianês* o mesmo se passa com os verbetes, pois são apresentados com seus respectivos equivalentes do português de maneira curta e direta. Já sobre o autor, Nivaldo Lariú, ele é, curiosamente, nascido em Itaperuna, no Rio de Janeiro, é fluminense, portanto. No entanto, por ter vivido muitos anos na Bahia apaixonou-se pelas expressões próprias dos baianos e resolveu reuni-las, registrando-as de maneira clara e deliciosamente divertida.

- **Dicionário Convencional Acadêmico-Padronizante:** não foi encontrado nenhum exemplar impresso que tratasse dos registros de alguma variedade do português brasileiro de forma a apresentar traduções equivalentes a partir de um viés mais acadêmico, aprofundado nos estudos linguísticos e, portanto, sem um caráter lúdico.

- **Dicionário Eletrônico Expositivo:** na modalidade *eletrônico expositivo*, isto é, na que traz a definição na internet dos registros de um dialeto, não foi encontrado nenhum exemplar, de forma que não se faz necessário descrever as categorias derivadas desta modalidade, isto é, *dicionário eletrônico acadêmico-expositivo* e *dicionário eletrônico cômico-expositivo*. O mesmo se passou com a categoria “H”, *dicionário eletrônico acadêmico-padronizante*.

- **Dicionário Eletrônico Cômico-Padronizante:** todos os 8 (oito) exemplares de dicionários de dialetos do português brasileiro encontrados na versão eletrônica seguiram a tipologia *padronizante*, no sentido de apresentarem apenas equivalentes, do português mais convencionalmente padrão, das palavras usadas nas variedades linguísticas. Todos eles são de tipo *cômico*, isto é, com caráter humorístico e de divertimento e sem um tratamento mais sério e normativo na formulação. É preciso dizer que fora os casos em que o próprio criador do *site* fornece informações sobre si, é muito difícil encontrar dados e qualquer outro registro que caracterize o criador destas páginas disponíveis na internet. O que se pode inferir, na maior parte dos casos, é que se trata de pessoas comuns, estudantes, curiosos ou, em alguns casos, professores que, por algum motivo, também raramente explicitado, resolveram criar estes “dicionários” para registrar a variedade que falam.

É óbvio que os dicionários eletrônicos de dialetos vão muito além dos oito selecionados para esta pesquisa, e por isto mesmo não permitia a seleção de todos eles. Assim sendo, segue-se uma breve apresentação de cada um dos exemplares *on-line*.

Com relação ao dialeto falado em Minas Gerais, selecionaram-se três diferentes exemplos. O primeiro deles é o *Dialeto Mineiro* disponível em <http://portaldasgurias.blogspot.com.br/2010/09/dialeto-mineiro.html>, não há qualquer menção ao autor da página que está organizada em uma listagem relativamente curta de palavras que, por sua vez, são associadas ao modo de falar do povo mineiro e sua respectiva “tradução” para o português. Nele há ainda uma pequena introdução que relaciona este modo de falar com as “gírias”, o que, do ponto de vista linguístico, é um equívoco, posto que dialetos e gírias não possuem a mesma definição.

O segundo dicionário que trata da variedade falada em Minas Gerais se chama *Dicionário do Dialeto Mineiro por Sebastião Breguez* foi escrito, como o próprio nome já sugere, por Sebastião Breguez. No entanto, ele está disponível em <http://opontodevistadeligialeal.blogspot.com.br/2010/05/dicionario-do-dialeto-mineiro-por.html>, *blog* que foi criado e é mantido por Lígia Leal, sobre a qual, também, não se tem qualquer informação, mas se nota que ela possui vários colaboradores que a ajudam com a formulação dos textos das postagens, como foi o caso do material selecionado acima. Embora o dicionário siga o modelo do anterior, isto é, de uma listagem, este está mais organizado já que divide as palavras por setores, por exemplo, as relacionadas aos “Cumprimentos”, aos “Lugares” etc. Há, ainda, outra informação bastante importante que é o fato de o dicionário ter sido elaborado por Sebastião Breguez, um jornalista

doutor em Ciências da Comunicação, e ter recebido a colaboração de outro jornalista, Sérgio Barbosa, ambos nascidos em Minas Gerais.

O terceiro exemplar que apresenta o dialeto falado em Minas Gerais intitula-se *Santo Antônio do Monte – Minas Gerais- Brasil* disponível em <http://samonte1758.blogspot.com.br/2010/01/mineires-o-dialeto-mineiro.html>. Esta página traz, na realidade, uma série de informações sobre a cidade mineira de Santo Antônio do Monte e, conseqüentemente, sobre Minas Gerais e suas peculiaridades. O autor desta página é Nilson Antônio da Silva, um mineiro graduado em Letras pela UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais e que, talvez, devido à sua formação, traz, antes de apresentar o dicionário do mineirês, algumas considerações mais consistentes sobre a variedade linguística mineira, além de considerações fonéticas do tipo explicativas, como a apócope ou assimilação das vogais, a permutação etc, no dialeto de Minas. Após isso é que se apresenta, também, uma listagem de palavras do modo de falar mineiro e sua respectiva “tradução”. Este exemplo está, também, dividido em setores como “Conversa Informal” ou “Apresentações” e, comparado aos anteriores, é bem mais extenso.

Os outros cinco dicionários eletrônicos são das mais variadas regiões do Brasil, são eles: *Dialeto Mato-grossense* disponível em <http://linguagemcontemporanea.wordpress.com/category/dialetos-reginais/dialeto-mato-grossense/> que, embora muito pequeno, foi o único exemplar encontrado desta variedade linguística. Nele não há qualquer informação adicional seja sobre o autor da página, seja sobre a língua e suas variações, e a apresentação das palavras se dá por meio do uso, ou seja, apresenta-se uma frase com uma determinada palavra usada na região do Mato Grosso e, então, “traduz-se” esta palavra ou expressão. Por exemplo: “A galinha está priscando = PRISCAR = ficar agitada, se debater.”.

O *Dialeto Gaúcho* disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_ga%C3%BAcho apresenta uma breve introdução sobre o dialeto e posteriormente um pequeno parágrafo sobre a “Fonologia” dos falantes desta variedade. O dicionário em si está organizado em cinco setores: “Vocábulos Locais”, “Expressões Locais”, “Interjeições Típicas”, “Algumas comparações” e “Outras variações”. A listagem de palavras, embora maior que as já apresentadas, está formulada exatamente da mesma maneira: em ordem alfabética e misturando palavras e expressões.

O *Dicionário do pernambucano, aprenda pernambuquês* disponível em <http://chinelada.com/besteiro1/dicionario-do-pernambucano-aprenda-pernambuques/> é o mais extenso de todos os de tipo *eletrônico cômico-padronizante* encontrados. Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e quando o autor julgou necessário, apresenta-se um exemplo comumente empregado pelos falantes. Além disso, há algumas ressalvas e explicações mais extensas feitas dentro do próprio verbe. Por exemplo:

“CIRANDA – dança típica do litoral pernambucano. Os participantes giram de mãos dadas, em círculo, com passo característico e cantam, repetindo um refrão, enquanto a cirandeira canta versos memorizados de geração a geração, ou de improviso. Encontrada particularmente em locais como a ‘estrada de Paulista’, entre esta cidade e Olinda e na Ilha de Itamaracá.” (DICIONÁRIO DO PERNAMBUCANO).

Os dois últimos exemplares coletados para esta pesquisa se tratam de obras eletrônicas que não falam especificamente de uma variedade regional do português brasileiro, mas dos dialetos do Brasil de uma forma geral, são eles: *Dialetos Regionais brasileiros, nossa riqueza!* disponível em <http://minilua.com/vixe-maria-tche-doncovim-proncovo-oncoto-mano/#reading> e *Dialetos regionais* disponibilizado em <http://sites.google.com/site/kattyrasga07/dialetosregionais>. Este último é particularmente interessante porque, conforme informações da própria página, a criadora, Katty Rasga, é coordenadora de uma Oficina Pedagógica de Língua Portuguesa, de forma que todo o *site* é voltado para discussões e curiosidades da Língua Portuguesa. Ele é formado por *posts* (publicações diárias) de diferentes pessoas que colaboram e tratam do falar do Brasil. Inicialmente há uma discussão do que é um dialeto e das variações da língua. Na sequência apresentam-se textos que utilizam os dialetos próprios de cada região e também outras discussões, além de pequenas listas de palavras, à maneira dicionário bilíngue, de diversas regiões do país, como o Mato Grosso do Sul, o Norte e o Nordeste, o Rio Grande do Sul, Pernambuco e Sergipe. Há neste dicionário a colaboração de diversas pessoas que vivem ou nasceram nas citadas regiões, o que garante maior credibilidade ao trabalho.

As publicações que compõem o *Dialetos regionais* somadas ao dicionário do falar de Minas Gerais, *Santo Antônio do Monte – Minas Gerais- Brasil*, são os dois únicos exemplares de dicionários eletrônicos que trazem discussões e considerações do campo da Linguística. Poderiam, portanto, serem enquadrados na modalidade

Dicionário Eletrônico Acadêmico-Padronizante, mas não o foram por duas importantes razões. Primeiro, porque existem alguns “deslizes” nestas discussões que não permitem considerá-las essencialmente consistentes e científicas, por exemplo, o fato de o próprio criador da página *Santo Antônio do Monte – Minas Gerais- Brasil* declarar que buscou informações somente na internet:

“[...] fiz algumas pesquisas em variados sítios de internet para ver o que já foi escrito até agora sobre este assunto. Algumas vezes, o assunto é tratado como piada; outras, contudo, é tratado com seriedade sob o ponto de vista da linguística. Neste sentido, segue abaixo a definição dada em artigo sobre a língua portuguesa na Wikipédia: [...]”.

(NILSON ANTÔNIO DA SILVA).

E, segundo porque, ambos, apesar de apresentar reflexões Linguísticas, apresentam o *humor* na construção dos dicionários, exatamente como os demais. E, conforme especificado no item anterior, a presença ou não do *humor* é que pautou a delimitação do par distintivo *acadêmico/cômico*.

Para finalizar este apartado sobre a tipologia dos dicionários que compuseram o *corpus* do presente trabalho, faz-se um breve resumo das obras de variedades regionais do português brasileiro e chega-se aos seguintes resultados: com exceção dos casos do *Dicionário Caipira*, do *Santo Antônio do Monte – Minas Gerais – Brasil* e do *Dialetos regionais*, nos quais os autores são linguistas por formação ou estudiosos da linguagem e da comunicação, nenhum dos demais autores é profissional ou estudioso da língua portuguesa. Eram, em sua maior parte, jornalistas e profissionais das mais diversas áreas tanto no caso dos dicionários convencionais quanto no caso dos dicionários eletrônicos. Com respeito à organização dos dicionários, apesar de se notar a presença de alguns dos critérios de composição e elaboração de obras lexicográficas reconhecidas, os dicionários de variedades regionais não estão baseados nos registros e estudos do Léxico. Por exemplo, há entradas, verbetes e segue-se a ordem alfabética em quase todos eles, mas não há uma preocupação com a eleição de palavras, o que se comprova, no caso dos impressos, com uma explicitação dos objetivos e o fato de eles não desejarem construir um autêntico dicionário, como o *Houaiss*. Não há também aquilo que é muito comum os reconhecidos dicionários apresentarem que é uma parte inicial explicando a “Organização do Dicionário” e as “Abreviações”. Muitas outras características de um verdadeiro dicionário estão ausentes nas publicações aqui selecionadas, no entanto, como dito anteriormente, o objetivo pretendido é outro: o divertimento e o lúdico.

4. O humor do ponto de vista linguístico

Nas mais diversas áreas do conhecimento, da psicanálise à antropologia, são inúmeras as publicações que tratam do riso e é justamente esta multiplicidade de trabalhos que torna a tarefa de discutir este tema ainda mais difícil, pois ao mesmo tempo não se quer desprezar a amplitude do assunto e tampouco cair na falácia da generalização. De Freud (1902) a Propp (1992) e todos os outros estudiosos que se dedicaram a entender o riso e o humor, todos os trabalhos são de grande importância para entender quer seja o como, quer seja o porquê de tal fenômeno. No entanto, a discussão do humor neste trabalho baseia-se principalmente nos estudos de Sírío Possenti (1998) sobre o humor a partir da óptica da Linguística.

Em seu livro *Os humores da língua* (1998), o qual é constituído por um conjunto de ensaios escritos entre os anos de 1988 e 1996, Possenti analisa de maneira bastante prática, utilizando piadas, o humor do ponto de vista linguístico. E sobre isso ele é muito enfático ao afirmar que não existe uma linguística do humor, assim como não há uma linguística da literatura ou uma linguística da escrita; o autor diz ainda que “Na verdade, não faria sentido propor uma linguística do humor. Se a linguística, ou alguma linguística, for razoavelmente boa, deve servir para a análise de diversos tipos de manifestações da linguagem [...]” (POSSENTI, 1998, p.20 e 21).

Tomando, portanto, os estudos de Possenti (1998) para os apontamentos teóricos deste trabalho, as piadas, que são histórias razoavelmente curtas contadas para provocar, a princípio, o riso, são objetos de estudo muito interessantes para os pesquisadores por três motivos principais, primeiro porque

“[...] praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos [...]. Em segundo lugar, porque piadas operam fortemente com estereótipos [...]. Em terceiro lugar, as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas.” (POSSENTI, 1998, p.16, 25 e 26)

Agora, a respeito da derrisão das piadas o que é possível compreender e aprender com o autor é que nem todas as pessoas são capazes de rir de uma piada e isso acontece porque em um enunciado humorístico há muito mais implícito do que uma lógica diferente da habitual. Isto significa que na maior parte dos casos o que possibilita o riso ou ao menos o entendimento da graça daquilo que se considera engraçado é o

conhecimento que o sujeito que conta ou ouve a piada tem da língua em questão, ou, em outras palavras, o conhecimento da fonética/fonologia, da morfologia, da sintaxe etc. É a partir deste pressuposto que o autor diz ser possível classificar as piadas com base no mecanismo linguístico que é posto em causa de maneira central nos chistes, mas faz a seguinte ressalva: “[...] embora toda a tentativa de classificação acabe falhando, pelo fato fundamental de que as piadas acionam mais de um mecanismo simultaneamente.” (POSSENTI, 1998, p.27).

Assim sendo, se poderia classificar as piadas em fonológicas, sintáticas ou lexicais, mas é mais coerente enumerar os mecanismos linguísticos que podem estar envolvidos nas piadas e apresentar o modo como eles contribuem para a ocorrência do humor. Seguem-se, segundo Sírío Possenti (1998), os principais mecanismos, pautados nos clássicos níveis linguísticos, e para sua respectiva elucidação apresentam-se exemplos. Poder-se-ia ter utilizado exemplos retirados dos dicionários de variedades, no entanto, o humor neles não se dá sempre por piadas, o que dificultaria a exemplificação. Assim sendo, fica reservada a apresentação do elemento humorístico nos dicionários no momento da análise específica deles.

Conforme Possenti (1998), as piadas podem estar baseadas na:

- **Fonologia:** com este mecanismo é possível criar certa “confusão” ou mesmo uma ambiguidade no entendimento final da piada. Isso se dá principalmente por causa da segmentação das palavras com base na pauta acentual, já que a partir dela uma mesma sequência pode ser lida como uma só palavra ou, alternativamente, como mais de uma. Por exemplo, em: “*Sabe o que o passarinho disse pra passarinha? Não. Qué danoninho?*” (POSSENTI, 1998, p.28), a sequência “*danoninho*”, segundo o autor, pode tanto ser entendida como uma única palavra, e neste caso seria um iogurte pequeno, quanto uma sucessão de palavras, e então ficaria “dar no ninho”. É justamente esta última possibilidade de leitura sexista que provoca o humor na piada.

- **Morfologia:** neste caso, o autor diz que a piada envolve a divisão das palavras e, portanto, é quase impossível haver uma piada morfológica sem que haja um problema fonológico o que faz com que a piada anterior também possa ser considerada morfológica, na medida em que seu problema é a divisão da sequência de palavras.

- **Léxico:** as piadas lexicais, segundo o autor, podem funcionar com base na ambiguidade, como em: “*um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro,*

caminhava com um amigo na principal avenida de Viena. Quando passaram por um café, disse: -Vamos entrar e tomar alguma coisa? Seu amigo o conteve: -Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!’’ (FREUD apud POSSENTI, 1998, p.30). Aqui, de acordo com o estudioso é bastante óbvio que está envolvido um duplo sentido da palavra “tomar” (‘beber’ e ‘apossar-se de’), ou seja, de um modo ou de outro, este texto significa que ‘os banqueiros são ladrões’. Tal afirmação, se feita de fato por alguém em alguma circunstância definida poderia resultar em um processo, por isso opta-se pelo uso da piada. Possenti diz ainda que a outra principal base das piadas lexicais são as que se formatam como “pegadinhas” baseadas em uma maneira especial de considerar as palavras: o fato de que é possível falar das próprias palavras. Por exemplo, em: “*Como se escrevia farmácia antigamente? Com ph. E hoje? Com f. Não, hoje se escreve com h’’*”. (POSSENTI, 1998, p.31)

Com relação ao tipo de humor, acima apresentado, Possenti (1998) diz ainda que há o humor envolvendo a Dêixis e a Sintaxe, que não foram pormenorizadas uma vez que eles não se aplicaram à análise do *corpus* nesta pesquisa. No entanto, alguns outros elementos linguísticos são expostos pelo autor e se fazem bastante interessantes no contexto deste trabalho, de modo que a partir de agora se apresentarão os recursos utilizados para provocar o humor e o riso que já não são próprios da estrutura da língua, mas seguem fazendo parte dela e de seu uso:

- **Pressuposição:** segundo o estudioso, a partir deste elemento é possível criar resultados inusitados devido ao que se pressupõe de uma determinada situação e, conseqüentemente, levar ao riso, por exemplo: “*Preciso de um emprego. Tenho 15 filhos. E o que mais o senhor sabe fazer?’’*”. (POSSENTI, 1998, p.33). De acordo com Possenti, neste caso, a partícula “mais” funciona como introdutora da pressuposição. Logo, fazer filhos passa a fazer parte das habilidades que, supostamente, constariam no currículo deste sujeito que procura emprego. Além disso, de acordo com ele, esta piada é também um bom exemplo de intertexto, porque remete à pergunta típica dos recrutadores de pessoas: “O que é que o senhor sabe fazer?”.

- **Inferência:** nas piadas deste tipo, o autor ressalta que é preciso concluir algo que não está explicitado, tal feito pode parecer fácil e, na maior parte dos casos é, mas é necessário reconhecer que isso não é óbvio porque as informações não estão ditas. Veja em: “*Diálogo entre Hagar e Eddie Sortudo: Eddie pergunta: - Hagar, o que significa a*

expressão *‘Os opostos se atraem?’* Hagar responde: *Significa que você vai casar com uma mulher bonita, inteligente e de grande personalidade*”. (POSSENTI, 1998, p. 33). De acordo com o autor, o humor só é entendido a partir do momento em que o leitor deste texto consegue concluir o pensamento de Hagar a respeito de Eddie, isto é, que ele é solteiro, feio, burro e que sua personalidade é pouco impressionante.

- **Conhecimento prévio:** normalmente para entender este tipo de piada o ouvinte precisa fazer uma análise lexical das palavras envolvidas, como neste exemplo: *“Sabe quais são as comidas preferidas do Collor? Quais? Antes das eleições, lula e truta. Depois das eleições, tubarão e polvo.”* (POSSENTI, 1998, p.34). Possenti explica que é preciso que se saiba que “Lula” é o apelido de um dos candidatos à eleição, concorrente de Fernando Collor de Melo, e também um animal marinho comestível; “truta” é o nome de um peixe e uma forma alternativa de designar a “maracutaia”; “tubarão” é o nome de um animal marinho e também uma forma de designar ricos; “polvo” é o nome também de um animal marinho e uma forma muito semelhante, foneticamente, à palavra “povo”, conforme o estudioso, esta semelhança precisa ser reconhecida pelo ouvinte e somada à análise lexical, elas, juntas, é que promoverão o entendimento da piada.

- **Variação linguística:** Sírío Possenti diz que neste tipo de piadas toda uma gama de elementos precisa ser de conhecimento do ouvinte para que ele compreenda realmente o que se diz e chegue ao humor do que se conta. É necessário primeiramente saber que a língua varia de acordo com a região, com a faixa etária e diversos outros fatores; e isso se aplica ao próprio falante de tal variedade, pois ele só entenderá o humor nesta categoria de chistes se conhecer os mecanismos e funcionamentos de sua língua. Por exemplo: *“Domingo à tarde, o político vê um programa de televisão. Um assessor passa por ele e pergunta: - Firme: O político responde: -Não. Sírvio Santos.”* (POSSENTI, 1998, p.34). Segundo o autor, é necessário que se entenda o duplo sentido da palavra “firme”: funciona como cumprimento informal e como variante popular de “filme”. E neste último caso a pergunta significa: “o que o senhor está vendo é um filme?”. Possenti conclui que, geralmente nestas piadas, o efeito é promover a caracterização dos sujeitos que falam tal variedade, e no exemplo dado o que se consegue é caracterizar o político como ignorante, caipira. Contudo, nem sempre o efeito seria negativo e prejudicial.

Ao contrário do que se possa vir a imaginar, dado o alto número de piadas registradas, não existe (no sentido de inovação) uma grande variedade delas nos dicionários analisados, o que mais comumente se observa são adaptações constantes das personagens, ora elas são pernambucanas ora mineiras, dos cenários, por vezes o local é Recife em outros o Pará, e das variedades regionais, obviamente. Salvo em algumas publicações, como *O dicionário do dialeto caipiracicabano* em que o autor, em muitos exemplos, cria novas piadas colocando, por exemplo, piracicabanos famosos ou da alta sociedade em situações cômicas e fazendo, assim, com que os chistes dependam estritamente do fator cultural da cidade de Piracicaba para serem entendidas, podendo, inclusive, não ser engraçado para o falante de outro dialeto, salvo isso, o conteúdo é quase sempre o mesmo. E este fato faz com que, conforme Sérgio Possenti (1998) se necessite apenas de poucos e vagos conhecimentos para entender e rir de piadas, o autor diz ainda que “Difícilmente se exigirá um conhecimento exato e exaustivo para entender qualquer piada, porque ela usualmente aciona um estereótipo.” (POSSENTI, 1998, p.39).

No fim, seja utilizando uma base já conhecida, seja criando outra, por meio das piadas se pretende, nas obras coletadas, atingir um único objetivo: o riso e a diversão do leitor. Mas é preciso dizer também que por meio das piadas há a manifestação de uma população, ainda que veladamente, sobre aquilo que é politicamente incorreto, obsceno ou proibido. Além disso, o que faz com que uma piada seja de fato uma piada não é a quantidade de riso que ela provoca - e por isso os exemplos de Cecílio Elias Netto caracterizam piadas - mas a maneira peculiar de apresentar um tema ou uma tese sobre ele. Assim, “[...] Se alguém disser que as loiras são burras, isso não é engraçado. Mas, se alguém disser que se sabe que foi uma loira que trabalhou no computador porque a tela do monitor está cheia de marcas de Errorex, então temos uma piada.” (POSSENTI, 1998, p.46).

5. Análise

Parte-se, agora, para a análise do humor nos dicionários de dialetos do português e a atitude, preconceituosa ou não, que eles apresentam a partir deste elemento. Embora os dicionários não totalizem um número exorbitante, optou-se por restringir esta análise para que não se tornasse enfadonha e cansativa a apresentação dos resultados e as impressões obtidas. Desta maneira, escolheram-se dois exemplares do tipo *dicionário*

convencional e dois exemplares do tipo *dicionário eletrônico*. No primeiro caso, escolheram-se as obras *Dicionário de Baianês* de Nivaldo Lariú e *Dicionário Papachibé: a língua paraense volume IV* de Raymundo Mário Sobral. No segundo caso, a escolha limitou-se a duas publicações eletrônicas sobre a variedade linguística mineira, são elas o *Dialeto Mineiro* veiculado pelo *Portal das Gírias* e o *Dicionário do dialeto mineiro por Sebastião Breguez* veiculado pelo *blog Ponto de Vista*.

O que justifica a escolha de tais obras é o fato de todas elas enquadrarem-se fielmente em um requisito fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa que é a despretensão das obras, isto é, o fato de nenhuma delas possuírem a intenção e o objetivo de construir um dicionário no seu sentido mais normativo. E, ao contrário, o que estas quatro obras querem, em primeiro lugar, é justamente a diversão e relaxamento. Os autores atingem este objetivo compilando um conjunto de vocabulários em formato de lista, sem qualquer ligação com uma teoria lexicográfica, a denominam *dicionário* e passam a apresentar, com os mais diversos recursos, uma riqueza linguística tão grandiosa e de uma maneira tão leve que se revelam apaixonadamente divertidas.

Buscou-se aplicar estes mecanismos explicitados por Possenti (1998) na análise dos dicionários, mas assim como no estabelecimento da tipologia lexicográfica, foram necessárias alterações e adaptações principalmente porque nem sempre os dicionários de variedades regionais trazem piadas acompanhando os verbetes. Como se verá, em alguns deles a construção do humor se dá em um simples desenho no topo da página ou em um texto no final da obra e não necessariamente com uma piada. As explicações trazidas por Sírío Possenti (1998) foram de grande importância porque ainda que não haja uma piada, há o humor nos dicionários e por tratar-se de dialetos o riso é provocado também e, sobretudo, por meio dos elementos linguísticos só que especificamente a partir da particularidade de cada falar.

5.1 Os dicionários convencionais

O *Dicionário do papachibé*, conforme classificação anterior é de tipo *Convencional Cômico-Expositivo* por apresentar uma definição dos verbetes. Esta definição não está à maneira dos dicionários que se conhece, mas também não são meras equivalências para a variedade apresentada. O próprio modo de redatá-las revela algo de humorístico, como em “Bater o xarque – Para o papachibé **militante e**

juramentado, a expressão tem o mesmo significado de manter uma relação sexual.” (SOBRAL, 2010, p.33 - grifos nossos). Mas, também demonstra alguns outros importantes aspectos, como o fato de os falantes da variedade a reconhecerem como um dialeto, um outro modo de falar e evidenciar isto, constantemente, por expressões do tipo:

“Bicado – No **dialeto papachibé** tem o mesmo significado de bêbado. [...] Chocolateira – No **idioma parauara**, no sentido figurado, o mesmo que a cara da pessoa. [...] Filho duma égua – Expressão depreciativa que é muito comum no **linguajar paraense**.” (SOBRAL, 2010, p.36, 54, 87 - grifos nossos).

Da mesma forma estas “definições” contribuem para demonstrar o desenvolvimento diacrônico do dialeto, pois em vários verbetes encontram-se sentenças do tipo:

“Catatan – O termo pertence ao **falar paraense arcaico** que a gente resgata via nosso departamento de pesquisa. O significado é o mesmo de intriga, mexerico, fofoca. [...] Cuéra – No **linguajar papachibé das antigas** tinha o mesmo significado de valente, forte, destemido. [...] Fedeu, morreu – Uma das expressões que eram usadas pela **pirralhada de antanho** no jogo de peteca (bola de gude), resgatada aqui no seu sentido figurado.” (SOBRAL, 2010, p.52, 57, 87 – grifos nossos).

Além disso, para cada um dos verbetes há, sem exceção, uma piada que exemplifica o uso de tal palavra, de modo que, às vezes, nem a própria “definição” é capaz de aclarar o significado e se faz essencialmente necessário ler o chiste. Em 171 páginas de verbetes classificados como próprios do Pará são, sem dúvida, inúmeras as piadas podendo-se coletar exemplos que utilizam como mecanismo de produção de humor a Inferência: “*No que o seu pimpolho volta da escola aquela mãe toda cheia de pavulagem numa roda de amigas pergunta em tom triunfante para o filhote: - E então, você conseguiu ABAFAR A BANCA, aprendeu muito na escola hoje? – Eu acho que não, mãe. Amanhã eu vou ter que ir lá de novo...*”. (SOBRAL, 2010, p.13 - grifos do autor). Utilizando também a Pressuposição:

“*Famosa dondoca da mais fina flor da rapioca, revela para sua amiga: - Sabe, maninha, eu vim lá do interior de Curralinho, quando cheguei aqui tinha uma mão na frente e outra atrás. – Égua de ti, mana. E o que tu fez já para ganhar tanto dindim? – Olha, essa menina, ‘de premero’ eu tirei a mão da frente, ADISPOIS tirei a mão de trás também, visse?*”. (SOBRAL, 2010, p. 15 - grifos do autor).

Muitos outros recursos são utilizados nestas piadas e, na maior parte das vezes, isso se dá de forma mesclada, isto é, não somente um ou outro deles, mas muitos juntos, o que é típico dos textos deste gênero. Não se percebe nenhum tipo de manifestação preconceituosa ou minimamente pejorativa da parte do autor para com os falantes do dialeto papachibé, ao contrário, as piadas caracterizam sim os paraenses como interioranos e caipiras, mesmo aqueles que, o próprio enunciado, diz pertencer à “alta sociedade paraense”. Mas, em todos os casos, a imagem que se passa é a de homens muito garanhões e de um povo divertido e essencialmente malandro, daquele tipo mais esperto: o que sempre se dá bem nas mais diversas situações. Para conseguir este efeito, as piadas de conteúdo sexista são, indiscutivelmente, as mais utilizadas e nelas os falantes do papachibé demonstram-se espertos e diretos, sempre com uma resposta na ponta da língua. É o que se comprova com este exemplo:

“Os primos da capital foram curtir o Natal com os parentes do interiorzão. Dias depois, após as festas, tava lá o primo da cidade esnobando o primo capiau falando sobre seu presente de Natal. – Primo, viu o que ganhei de presente? Um Ipod espetacular. Pondera o primo caipira: - Bão, primo, isso é bão demais... Volta o da capital: - Cara, como você fala assim do que sequer conhece, hein? Vem cá, o que você ganhou de Natal? – Ganhei isso também, primo. – Quem te deu? – Ora, quem me deu foi a minha prima, tua mana. – De que marca era? – Lá sei, primo. A gente tava acolá num igarapé nadando, pelado. Aí eu cheguei por trás e encostei. A prima virou pra mim e falou: ‘aí pode’. Agora se tem marca, num sei, mas, NÃO-QUE-NÃO, foi bão demais...”. (SOBRAL, 2010, p.118 – grifos do autor).

Ou ainda com este:

“Tempo de São João. Naquela cidadezinha, no interiorzão de Periquitaquara, rola uma animada festança na roça. Sentado num banquinho, num canto, seu Pinto, o coroa mais rico do lugarejo, assiste a moçada se esbaldar no forró. Nisso, querendo fazer média com o velhote, uma jovem o convida: - Seu Pinto, dança? – Não, minha filha, já LEVOU O FARELO. Mas balança...”. (SOBRAL, 2010, p.105 – grifos do autor).

Como se vê, em ambos os exemplos, e em muitos outros ao longo da publicação, o conteúdo sexista é trazido à tona para poder evidenciar o traço esperto e malandro dos falantes do papachibé. Mas, não se pode entender aí uma característica ruim dos falantes de tal variedade, não é isso o que se pretende com esta obra. O seu real objetivo é registrar o falar próprio do Pará de forma divertida e simples, passível de ser entendido por todas as pessoas que o venham a ler/consultar. O próprio autor, ao assinar a orelha

do livro, diz “[...] Ainda, em nome da verdade, faço uma solene jura, pela fé da mucura, que, qualquer semelhança com os ‘orélios’ da vida terá sido mera coincidência. Longe de mim a pavulagem de bancar um filólogo no tucupi. Por fim, gostaria de reafirmar também que o meu livrinho é simples e despretensioso. [...]”. (SOBRAL, 2010, s/n).

Cada palavra selecionada e registrada neste dicionário é uma expressão da cultura paraense, ainda que não se saiba até que ponto tudo o que é apresentado é utilizado pelos falantes, trata-se da atitude deles diante do mundo, articulada pela linguagem. O caráter lúdico desta obra está, justamente, nesta despretensão e, à sua vez, o humor é construído, obviamente, com as piadas, mas também por todo um conjunto de elementos como, o uso do discurso coloquial e dos desenhos de apresentação no cabeçalho de cada nova letra da sequência alfabética, que juntos enfatizam a atitude tomada pelo autor de representar o povo paraense e resgatar a língua e o uso de sua variedade linguística:



(SOBRAL, 2010, p.147 e 171)

Percebe-se que mesmo nos desenhos, o falante do papachibé continua sendo o sujeito masculino mais esperto e/ou garanhão e, quando do sexo feminino, a mais bonita e fogosa. E isso continua sendo feito a partir de uma dimensão leve e divertida que não transforma o falante em alguém arrogante ou presumido, mas interessante e digno de ser estudado e conservado.

Já a segunda obra escolhida para análise, o *Dicionário de Baianês*, é de tipo *Convencional Cômico-Padronizante* porque apresenta, integralmente e ao contrário do anterior, palavras equivalentes do português para as versões faladas pelos baianos. A sequência a seguir exemplifica muito bem este modo de organização do dicionário:

“**EM DIAS:** em dia; **EM DOIS:** nós dois, éramos dois;
EMBOLAR (O CARRO): falhar o motor; **EMBRECHADA:**
 grávida; **EMBUCETADO:** apressado, correndo muito;

EMPATA-FODA: pessoa inconveniente, que aparece ou liga na hora errada; **EMPATAR:** perturbar, atrapalhar.”

(LARIÚ, 1992, s/n – grifos do autor).

Contudo, é bastante frequente que haja em alguns verbetes uma pequena frase que auxilie no entendimento da expressão, como em “FUBUIA: cachaça, cana, cachaçada (**Hoje vou tomar umas fubuia**).” ou em “NA INTENÇÃO: no pé de alguém, a fim de conquistar ou de perturbar (**Ele hoje tá na minha intenção**).”. (LARIÚ, 1992, s/n – grifos nossos).

O humor entendido em seu sentido estrito não se manifesta ao longo do dicionário, no meio das palavras. Salvo os diversos desenhos, não há, por exemplo, piadas contendo e/ou jogando com o modo de falar do baiano. A materialização do humor por meio deste recurso acontece somente nas páginas finais da publicação, onde há quatro pequenas histórias contadas inteiramente com a variedade linguística da Bahia.

Sendo assim, não foi possível utilizar nenhuma das terminologias propostas por Possenti (1998) para analisar a construção do humor, pois como o próprio autor ressalta, histórias engraçadas não são piadas e, portanto, não seria coerente utilizar a nomenclatura que propõe. De qualquer forma, há muito humor nestes pequenos textos e analisando a sua ocorrência, percebeu-se que ele se dá, sobretudo, porque as palavras utilizadas nas historinhas levam o leitor, provavelmente falante de outra variedade do português brasileiro, a inferir um significado, que quando consultado no dicionário não possui, absolutamente, nenhuma relação com o que se imaginou.

A pequena sequência que introduz estas histórias “E agora que você já leu todo o dicionário, tente **decifrar** as ‘historinhas’ a seguir...” (LARIÚ, 1992, s/n – grifos nossos), já supõe um grau de dificuldade elevado e isso se confirma com o significado, no mínimo, bizarro que elas assumem em uma primeira leitura.

Neste sentido, o dicionário tem o seu caráter de “manual de consulta” comprovado porque, de fato, só se entende os textos depois de consultar o conteúdo semântico de determinadas palavras. O primeiro texto já exemplifica isso, ele intitula-se “*De como Val desasnou*” e qualquer outro falante que não faça uso da variedade baiana irá, em um primeiro momento, imaginar um significado pautado na sua própria variedade linguística. Tomando-se o dialeto caipira, por exemplo, como nele não se tem registros do verbo “desasnar”, o que o falante poderá entender, fazendo uma projeção do significado do prefixo *des-* em outros verbos, é que “alguém deixou de asnar, deixou

de agir como um asno”. E isso fará total sentido mesmo depois da leitura da história porque ela fala do modo pelo qual o baiano Valdelício Bispo dos Santos, o Val, tratado sob “rédeas curtas” por sua mulher, encontrou para enganá-la e fugir de uma surra após passar a noite fora, em bebedeira.

No entanto, o dicionário traz o seguinte significado para a palavra: “**DESASNAR**: aprender algo; deslanchar; pegar o pique.” (LARIÚ, 1992, s/n) e ainda que se possa entender quase que o mesmo significado, o vocábulo equivalente não faz qualquer menção ao fato de o sujeito já ter agido como um asno e, é nesta diferença semântica que mora o humor nesta obra.

Se as histórias são lidas sem qualquer consulta ao dicionário de baianês, muitos equívocos e confusões podem ser causados e este é o cerne da questão humorística da obra. Por exemplo, nesta passagem de um dos textos, tem-se “Zefa, que queria comprar umas fazendas pra fazer roupas pros meninos, ficou tão retada que fechou o balaio, dizendo que era por causa da Semana Santa.” (LARIÚ, 1992, s/n). O leitor mais desavisado e que optou por ler a história sem consultar o dicionário, ainda que, com sua intuição de falante, consiga inferir que “fazenda” seja algo relacionado à roupa e, talvez, entenda-o como “tecido”, não entenderá que o “balaio” que Zefa fechou não foi um cesto grande feito de palha ou bambu utilizado para transportar ou guardar objetos, mas, reproduzindo literalmente a obra, a “bunda”, ou seja, Zefa entrava em abstinência sexual, porque estava “retada”, conforme o dicionário “puto da vida”.

A atitude do humor nesta obra não tangencia as generalizações mais comuns sobre os baianos, que são folgados, preguiçosos e que trabalham pouco, e também não quer mostrá-los como os sujeitos mais espertos de todos. Ao contrário, apresenta-os como seres humanos comuns, que trabalham, suprem suas necessidades físicas, descansam, resolvem seus problemas etc. Além disso, a reprodução das maneiras de falar do povo em situações como “muié” em lugar de mulher ou “paiaço” em lugar de palhaço, também não demonstram qualquer manifestação de preconceito linguístico, ao invés disso, parecem querer mesmo enfatizar o fato de as pessoas falarem exatamente deste modo e isso não caracterizar um “erro”, mas uma contribuição para a riqueza da língua. Além do que, é sabido que fenômenos como estes não são exclusividade da variedade baiana.

Contudo, analisando mais aprofundadamente este dicionário, percebe-se uma diferença, sutil sim, mas uma diferença entre ele e o anterior. O *Dicionário Papachibé* traz em muitos verbetes a explicação de que aquele determinado vocábulo é falado

também por pessoas da elite ou, exclusivamente, por meninas com muito dinheiro etc, o que se leva a acreditar que o dialeto paraense é falado por todas as camadas da sociedade. Talvez e, muito certamente, não seja assim e este recurso seja apenas uma ironia de Raymundo Mário Sobral para demonstrar a importância desta variedade. Já o *Dicionário de Baianês* não traz este tipo de informação nos verbetes porque é de tipo *padronizante*, mas tampouco a traz nas histórias. Aliás, nestas, as personagens são, em todos os casos, pessoas sem muito poder aquisitivo e extremamente humildes, são pescadores, donas-de-casa e usuários de transporte coletivo. Sendo assim, poder-se-ia dizer que na obra de Nivaldo Lariú, ainda que não intencionalmente, e para deixar claro, não se acredita que o autor tenha feito isto propositalmente, veem-se resquícios de uma manifestação preconceituosa e que Marcos Bagno (2008) denomina como “Mito nº08: ‘O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social.’” (BAGNO, 2008, p.89). E, como as personagens nas historinhas dominam apenas o baianês, elas ocupam cargos mais baixos na sociedade. Ou ainda que, o fato de elas comporem a camada mais baixa da sociedade é que as faz falar desta maneira, levando-se ao “Mito nº4: ‘As pessoas sem instrução falam tudo errado.’” (BAGNO, 2008, p.56). Apesar de não se crer que o autor tenha procurado este tipo de atitude tão desprezível, o fato é que esta impressão fica ao mesmo tempo arraigada no humor e camuflada por ele.

Mas, o real objetivo do dicionário é nobre e no conjunto total a obra atinge dimensões tão grandiosas que figuras importantes do campo da Língua Portuguesa deixaram suas impressões na capa traseira do livro. Afrânio Coutinho disse: “para o início ou composição de um dicionário de língua brasileira, este livrinho é um primeiro documentário precioso que muito contribuirá para o registro da palavra de uso baiano.” (COUTINHO apud LARIÚ, 1992, s/n) e é exatamente isso que o autor demonstra querer, de uma maneira divertida e engraçada registrar a língua em uso na região Nordeste do Brasil, precisamente na Bahia, e não ridicularizar, ofender ou criticar o modo pelo qual as pessoas se expressam nesta região.

Finalmente, talvez o correto significado deste necessário e árduo trabalho de coletar e transcrever, mesmo que não sob o ponto de vista convencional, uma língua que não se ensina na escola, seja expresso pelas palavras de Antonio Houaiss sobre o *Dicionário de Baianês*: “Já o havia degustado (...) pelo **bom humor** com que foi feito, pelas **saborosas ilustrações** e pela **engraçadíssima ‘historinha’ final**. No conjunto, acertou 100%.” (HOUAISS apud LARIÚ, 1992 – grifos nossos) e que podem

perfeitamente aplicarem-se ao *Dicionário Papachibé* substituindo-se as últimas palavras grifadas por algo como “pelas certas piadas selecionadas”.

5.2 Os dicionário eletrônicos

Os dois dicionários eletrônicos selecionados serão analisados conjuntamente, porque são, coincidência ou não, muito parecidos do ponto de vista da organização e do modo de apresentação. Embora veiculados em *sites* diferentes, tanto o *Dicionário Mineiro* quanto o *Dicionário do dialeto mineiro por Sebastião Breguez* se materializam na mesma plataforma, o *blogspot*, que é uma ferramenta destinada a qualquer indivíduo que queira criar uma página na *web* para publicar conteúdos diversos, e da mesma maneira, já que as palavras estão organizadas em uma listagem simples e que não segue a ordem alfabética, em ambos.

Os dois são bastante pequenos, o *Dicionário Mineiro* possui apenas 28 verbetes compilados em um único bloco de palavras e o *Dicionário do dialeto mineiro por Sebastião Breguez*, um pouco maior, tem 33 verbetes, no entanto, eles estão organizados em quatro categorias diferentes: “Apresentação”, “Cumprimentos”, “Pedindo Informações” e “Lugares”.

Quando comparados aos de tipo *convencional*, estes dicionários eletrônicos apresentam muito mais o aspecto de informalidade e despretensão porque não possuem nem mesmo uma pequena introdução do porquê se resolveu fazer este tipo de trabalho. E, por sua vez, exigem um maior cuidado na seleção porque os criadores das páginas permitem que as pessoas que as consultam façam alterações e deem sugestões de novas palavras e expressões, de modo que é muito difícil delimitar o que realmente pertence ao dialeto ou não.

De qualquer forma, o aspecto mais interessante nestas duas publicações é, sem dúvida, o fato de as palavras serem grafadas exatamente como se supõe que os mineiros falam, o que, em muitos casos causa grande dificuldade para entender a expressão e é neste ponto que o caráter *padronizante* atribuído ao dicionário é de suma importância. As palavras e expressões equivalentes aclaram e dão o significado dos verbetes. Por exemplo, as expressões “Bom dia”, “litro de leite” e “para onde nós estamos indo?” são apresentadas nos dicionário, respectivamente, como “Djia!”, “Lidileite” e “Prônostam’ínu?”.

Não há, em nenhuma das duas publicações, a presença de piadas e/ou histórias engraçadas que permitam analisar a atitude que o humor tem na caracterização do povo

mineiro. Contudo, o humor está visivelmente presente, como se pode comprovar nos exemplos acima, e ele acontece somente no fato de se transcrever o modo de falar das palavras, o que se permite dizer que o risível nestas obras baseia-se no traço Fonético/Fonológico da língua. No caso do dialeto mineiro, não seria no sentido de causar confusão ou ambiguidade, como abordado por Possenti (1998), mas estaria sim envolvendo a segmentação das palavras com base na pauta acentual e isto, conseqüentemente, levaria a classificação do humor, concomitantemente, ao de tipo Morfológico, já que um está relacionado ao outro, e da Variação Linguística, uma vez que joga com o modo típico de falar dos habitantes de Minas Gerais, como se vê em uma das páginas a ocorrência de “É firme?”, onde a “tradução” é “É filme?”.

A grafia das palavras envolve o modo de falar do povo de Minas Gerais e para isso há a representação de fenômenos fonético/fonológicos, como no caso de “Djia”, onde o “dj” representa a consoante africada [dʒ] utilizada não somente no dialeto mineiro, mas em outras variedades do português brasileiro, em alguns contextos específicos. Envolve também a junção das letras finais de uma palavra às iniciais de outra, por isso, há verbetes gigantes do tipo “Cessaciessionbspasnassavás?” que significa “Você sabe se esse ônibus passa na Savassi?”. Outro processo observado e mais largamente utilizado para reproduzir as palavras desta variedade é a supressão de letras e até mesmo de partes inteiras das palavras. Há a extinção de algumas construções, como em “Epassaqui?”, a “tradução” é “Ele passa aqui?” na qual percebe-se que a sílaba <le> de “ele” foi totalmente eliminada para se obter o verbebo representativo no dialeto do mineirês.

Este modo de formular os dicionários leva os leitores a acreditar que os autores de tais obras não têm a menor intenção de manifestar-se preconceituosamente, mesmo porque os registros que há não são suficientes, quantitativamente, para inferir tal ideia e porque os poucos comentários existentes não são, absolutamente, de tipo pejorativo e/ou ofensivo. No entanto, há que se ter cautela antes de qualquer afirmação deste tipo, sobretudo, porque estas obras estão pautadas no humor e ele, por definição, é preconceituoso e é politicamente incorreto. Sendo assim, o preconceito veiculado por estas obras é mascarado pelo seu humor, o fato de os leitores rirem com o conteúdo atenua e, na maior parte das vezes, anula este preconceito, no sentido de eles, os leitores, acreditarem que o autor está sendo totalmente imparcial, limitando-se apenas a registrar uma das variedades da língua.

Outra questão que contribui com esta dificuldade de perceber o traço preconceituoso dos dicionários é o fato de os próprios autores deixarem claro que se expressam desta maneira, que utilizam tal variedade e têm orgulho dela, despertando uma questão identitária do sujeito. Contudo, não se quer dizer que, ao formular estas obras, os autores agiram propositalmente de forma preconceituosa, ao contrário, provavelmente não o quiseram ser, mas a presença do humor, por si só, já traz consigo esta característica. Por exemplo, no caso do dialeto mineirês, acima descrito, se poderia inferir que está implícita a ideia de que os mineiros falam deste jeito e, portanto, escrevem da mesma forma, logo, escrevem “errado”.

Além disso, a figura do mineiro, falante de tal dialeto, é traçada e transmitida ao leitor de acordo com as generalizações que comumente se faz sobre esse povo: **A)** Que tendem a encurtar grandes distâncias, como na entrada “Alíí ou Pertim” na qual o significado é o seguinte: “depois de 2 ladeiras, 7 esquinas, 20 curvas, 5 ônibus, mais 6 quarteirões, 100 passos, você chega.” E, **B)** De tão tranquilos que são, estão sempre atrasados; no verbete “Cantazóra?” o significado é “em português: ‘quanto atrasado estou?’”. Isto acontece, mais uma vez, por causa do humor, pois, conforme Sírío Possenti, “[...] piadas operam fortemente com estereótipos.” (1998, p.26) e o que se apresenta é uma ideia ou convicção preconcebida sobre alguém, neste caso os mineiros, resultante de um julgamento ou falsas generalizações e que, muito certamente, não têm nada que ver com a realidade.

Logo, chega-se à conclusão de que o humor apresentado nestas publicações se dá conceitualmente no seu formato mais puro, ou seja, trabalhando veladamente com um discurso proibido e com isso, ou por isso, descontraindo e divertindo as pessoas. Acredita-se também que estas obras têm suma importância no que se refere ao auxílio da propagação e registro de tal dialeto e, conseqüentemente, do fato de que a língua é um fenômeno vivo que se modifica constante e incessantemente. Contribuem ainda, talvez em último caso, com a disseminação da ideia de que não há que se ridicularizar alguém ou julgar tal modo de falar como certo ou errado, mas antes entendê-lo, apreciá-lo e aceitar que é essa diversidade dialetal que faz da Língua Portuguesa no Brasil algo tão rico e interessante.

6. Considerações Finais

Segundo Francisco da Silva Borba, “A gramática e o dicionário são instrumentos pedagógicos de primeira linha; têm pontos em comum, mas não se superpõem. Diga-se primeiramente que o dicionário é o lugar do particular, do tópico, e a gramática é do genérico, das regras. O dicionário enumera palavras, a gramática enumera regras; o dicionário é um acervo de formas livres, a gramática contém um conjunto de regras que, aplicadas, mostram como a língua funciona.” (BORBA, 2003, p.301).

Qualquer que seja a obra final elaborada pelo lexicógrafo, especialista da área, um dicionário sempre trará àquele que o consulta informações que desconhece. Assim, a elaboração e a publicação de dicionários não deixam de ser uma prática social de utilidade pública, servindo à escola, à pesquisa e à disseminação do conhecimento em geral. Nesse sentido, acredita-se que todas as publicações estudadas nesta pesquisa são importantes dicionários que, apesar de não seguirem a normatividade dos estudos Lexicográficos, contribuem enormemente para a manutenção da língua e de seu caráter metamórfico.

Estes despretensiosos livrinhos que, em primeiro lugar, buscam o lúdico e o divertimento, acabam revelando-se uma brincadeira bem-humorada, que traz palavras e expressões usadas no dia-a-dia das mais variadas regiões do país. Sobre estas expressões é importante dizer que não há uma delimitação forte do que é exclusivamente de quem, uma vez que ao ler estas obras, muitas palavras ditas próprias do falar baiano, por exemplo, são facilmente encontradas no dialeto caipira do interior de São Paulo. E isso nem seria possível quando se considera a constante migração e, consequente, miscigenação cultural.

A existência de tais dicionários serve, ainda, para reforçar a ideia de Marcos Bagno (2008) de que é um mito que o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente. Há variações em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia etc) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, etária etc) e o fato de se digitar “dialeto de Pernambuco” em um *site* de busca e ter a possibilidade de acessar um número infinito de páginas contendo, ainda que somente umas ou outras, palavras próprias dos falantes desta região, comprova ainda mais o aspecto mitológico deste tipo de afirmação.

Seja na versão eletrônica, seja na versão convencional, estas divertidas obras trazem muito mais do que listas de vocábulos, elas trazem a expressão popular, o modo como as pessoas utilizam a linguagem para se exprimir e viver.

7. Referências Bibliográficas

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática - vocabulário. São Paulo: Anhembi, 1955.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é como se faz. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A Ciência da Lexicografia**. Revista Afla. v.28. São Paulo, 1984. p.1-26. Disponibilizado em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

Dialeto Mineiro. Disponível em: <http://portaldasgurias.blogspot.com/2010/09/dialeto-mineiro.html> Primeiro acesso em 10 de abril de 2011.

Dicionário do dialeto mineiro por Sebastião Breguez. Disponível em: <http://opontodevistadeligialeal.blogspot.com/2010/05/dicionario-do-dialeto-mineiro-por.html> Acesso em 10 de abril de 2011.

Mineirês, o dialeto mineiro. Disponível em: <http://samonte1758.blogspot.com/2010/01/mineires-o-dialeto-mineiro.html> Primeiro acesso em 10 de abril de 2011.

Dialeto Mato-grossense. Disponível em: <http://linguagemcontemporanea.wordpress.com/category/dialetos-regionais/dialeto-mato-grossense/>. Primeiro acesso em: 19 de abril de 2011.

Dialetos regionais. Disponível em: <http://sites.google.com/site/kattyasga07/dialetosregionais>. Primeiro acesso em: 19 de abril de 2011.

Dialetos regionais brasileiros, nossa riqueza! Disponível em: <http://minilua.com/vixe-maria-tche-doncovim-proncovo-oncoto-mano/> Primeiro acesso em: 16 de abril de 2011.

Dialeto gaúcho. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_ga%C3%BAcho Primeiro acesso em 30 de abril de 2011.

Dicionário do Pernambucano, aprenda pernambriquês. Disponível em: <http://chinelada.com/besteiro/dicionario-do-pernambucano-aprenda-pernambiquês/> Primeiro acesso em 25 de abril de 2011.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

GADELHA, Marcus. **Dicionário de Cearês: termos e expressões populares do Ceará**. São Paulo: Clio Editora, 2010.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan e WERNER, Reinhold. **La lexicografía: de La lingüística teórica a La lexicografía práctica**. Madrid: Ed. Gredos, 1982.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 8ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de Baianês**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1992.

NETTO, Cecílio Elias. **Dicionário do dialeto caipiracicabano**. 5ed. Piracicaba: Aprov. Editora e Comunicação Ltda., 2007.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

SOBRAL, Raymundo Mário. **Dicionário Papachibé: a língua paraense**. v.4. Belém: Gráfica Santo Antônio, 2010.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia**. 2ed. Brasília: Thesaurus, 2006.

8. Bibliografia Consultada

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística (Teoria lexical e linguística computacional)**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FARACO, Carlos Alberto. (org.) **Estrangeirismos – Guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FARGETTI, Cristina Martins. **Rindo com os juruna**. Revista Llamés. Campinas, 2002 p. 29-39. Disponibilizado em <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/liames/article/view/2182/1688>

FONTENELLE, Thierry. **Practical lexicography: a reader**. Oxford: University Press, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática. Série Princípios, 1990.

_____. **Formação de Palavras em Português**. São Paulo: Ática, 2003.

LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LAUDAU, Sidney. **Dictionaries the art and craft of lexicography**. Cambridge: University Press, 1984.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes, 2006.

NUNES, J.H., PETTER, M. (org.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

RASKIN, Victor. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas Morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SCHMITZ, J.R. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUIERDO, A.N. (org.) **As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria – Modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro**. 6ed. Brasília: Mania de Livro, 1999.